Consciesi
REVISTA CIENTÍFICA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ITAPIRA

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

ÉTICA, CAPITALISMO E A UTOPIA DAS CORPORAÇÕES "SUSTENTÁVEIS"

ETHICS, CAPITALISM AND THE UTOPIA OF "SUSTAINABLE" CORPORATIONS

RODRIGO LEGRAZIE DE FARIA

CENTRO UNIVERSITÁRIO NOSSA SENHORA DO PATROCÍNIO DE SALTO - CEUNSP

rodrigo.faria@ceunsp.edu.br

Consciesi
REVISTA CIENTÍFICA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ITAPIRA

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

RESUMO
O autor, com base em pesquisa bibliográfica, portanto qualitativa, argumenta que a ética da sociedade contemporânea é utilitarista e antropocêntrica, por considerar o conjunto dos seres a serviço da cobiça humana. Dessa análise apresenta as seguintes questões: Qual o limite do neoliberalismo? É possível termos uma organização (corporação) sustentável inserida em um sistema de produção capitalista? A partir das quais apresenta reflexões sobre os ideais incorporados no termo "sustentabilidade", no contexto da economia neoliberal e, às luzes do humanismo filosófico, e disserta sobre o contexto histórico que marcou o nascimento e crescimento vertiginoso das grandes empresas, tais como: Ford, Monsanto, Nike e BMW.
Palavras-chave: Sustentabilidade. Ética. Capitalism. Economia neoliberal. Filosofia humanista.

ABSTRACT
The author, based on a bibliographical and therefore qualitative research, argues that the ethics of contemporary society is utilitarian and anthropocentric, considering all beings at the service of human greed. This analysis presents the following questions: What is the limit of neoliberalism? Is it possible to have a sustainable organization (corporation) embedded in a capitalist production system? In the context of the neoliberal economy, and in the light of philosophical humanism, and he discusses the historical context that marked the birth and rapid growth of large companies such as Ford, Monsanto, Nike and BMW.
Keywords: Sustainability. Ethic. Capitalism. Neoliberal economics. Philosophical humanism.

INTRODUÇÃO

A diversidade de comportamento dos seres humanos e suas diversas relações com o ambiente e outras espécies de seres vivos sempre foi um enigma e questão central nas discussões científicas e filosóficas. Todos os seres vivos apresentam comportamentos de espécie similares, repetitivos, limitados e com possibilidade quase nula de variações individuais. O homem, porém, é o único ser que resiste às forças determinísticas, planeja seu percurso, quebra paradigmas e também se coloca como senhor da natureza. Criador de valores, hábil estrategista na criação de tecnologias, articulador político e ao mesmo tempo um megapredador do "Planeta Terra", se tornou

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

ao longo do tempo refém dos paradigmas do cientificismo, liberalismo, positivismo e utilitarismo. A natureza humana é *sapiens* e *demens*, assim como é o universo: violento e cooperativo.

Mais do que nunca se faz necessário refletir sobre a ética e liberdade, nestes tempos de grandes descobertas científicas, de manipulação nos ambientes naturais, onde o neoliberalismo determina a cultura das organizações. As grandes empresas capitalistas, além de influenciarem as políticas públicas, financiarem as campanhas eleitorais, exercem um poder sobre a cultura da sociedade e geram externalidades irreparáveis aos biomas. Para Nascimento e Vianna (2007) são as nações mais pobres as que apresentam as maiores riquezas naturais (biodiversidade), todavia suas comunidades são as que mais sofrerão com os grandes impactos ambientais globais. Concordando com Rocha (2011), o modelo de desenvolvimento ocidental levou a humanidade a um relativo êxito econômico e a um fracasso do desenvolvimento social. Em síntese, trata-se de uma incapacidade generalizada de estabelecer e manter políticas, estratégias e ações frente aos graves problemas sociais e desequilíbrios ecológicos em quase todas as regiões do mundo. A destruição dos ecossistemas e o avanço da pobreza fazem parte de um mesmo círculo de políticas de exploração inconsequente, tendo em vista que a lógica neoliberal é insustentável. A ética da sociedade contemporânea é utilitarista e antropocêntrica, por considerar o conjunto dos seres a serviço da cobiça humana. Tais considerações nos levam aos seguintes questionamentos: Qual o limite do neoliberalismo? É possível termos uma organização (corporação) sustentável inserida em um sistema de produção capitalista?

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

Portanto, é a partir dessas constatações que o presente trabalho, por meio de um estudo exploratório bibliográfico, lança reflexões sobre os ideais incorporados no termo "sustentabilidade", no contexto da economia neoliberal e, às luzes do humanismo filosófico, dissertar sobre o contexto histórico que marcou o nascimento e crescimento vertiginoso das grandes empresas, tais como: Ford, Monsanto, Nike e BMW.

NEOLIBERALISMO E A CONSERVAÇÃO DO PARADIGMA POSITIVISTA

Compreender as diferenças culturais e analisar, dialeticamente, a articulação entre o pensar e o agir do homem moderno tornar-se um desafio para quem ainda almeja viver de forma sustentável. Não basta vivermos aceitando docilmente as regras (moral) impostas pela sociedade industrial movida pelo consumismo. Todos almejam a liberdade, matéria-prima para a ética, mas poucos conseguem compreendê-la e utilizá-la com sabedoria e responsabilidade na prática do bem, busca do prazer, no uso racional dos recursos naturais e na preservação dos ecossistemas. Concordando com o ecólogo e economista Nicolas Georgescu-Roegen (1969) parece que o destino do ser humano é de ter uma vida intensa, breve, febril e excitante, ao invés de uma vida longa, pautada na ética e na responsabilidade de sua conduta.

Para Galvão (1997, p.15) a chegada do homem branco ao território brasileiro acarretou inúmeros problemas sociais, políticos, econômicos e ecológicos. O Brasil, na verdade, não foi descoberto. Descobrir uma terra, ética e historicamente falando, é chegar a um lugar abandonado, sem dono, onde inexistam culturas, valores e moral. Subjugar um povo, matar, estuprar, roubar minérios e madeira, impor padrões culturais

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

e uma seita religiosa é praticar rapina, é conquista armada ilegítima e imoral. Seguindo a magistral obra de Carlos Mester (1971), *Paraíso terrestre: esperança ou saudade*, o ser humano vive na presença de Deus e desenvolve sua fé, mas se esconde e foge com vergonha. O mal não é um desejo de Deus, o causador é o próprio ser humano.

Concordando com Boff (1992), desde a chegada dos colonizadores, foram impostos a força uma cultura, uma língua, uma religião e valores típicos da Europa. A Bíblia chegou para nós como parte de um projeto cultural demoníaco, visto que foi a grande arma ideológica desse assalto colonialista. A espada espanhola que ao amanhecer amedrontava e assassinava os índios, de noite se convertia em cruz que adestrava a alma indígena.

Concordando também com Galeano (2007) o que foi levado do Brasil para a Europa é incalculável. Toda a riqueza europeia é resultado da exploração dos recursos naturais das nações latino-americanas e do suor da mão-de-obra escrava dos africanos e índios. Uma vez que nosso país formou-se a partir de tantos saques, furtos, violência e desrespeito total às etnias indígenas, a sociedade contemporânea traz consigo o estigma maquiavélico da prática da velhacaria, fraude, burlação de leis e na manutenção do poder das grandes corporações privadas, que colaboram para a formação de uma sociedade injusta em um modelo sociopolítico elitista, excludente, corrupto, antiecológico e antiético.

O fundamento ontológico da ética, que desde Sócrates ocupa um lugar de destaque no pensamento filosófico, vem do termo e*thos*, que em grego designa costume, hábito. Para o filósofo contemporâneo Heidegger a ética é a moradia do ser, o

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

que de certa forma impõe "limites" a conduta humana, vinculada aos aspectos axiológicos. Uma das sentenças mais antigas de Heráclito, filósofo pré-socrático, diz que: *"O ethos é o gênio protetor"*. De acordo Leonardo Boff (2000), a ética é diferente da moral, já que a primeira revela sua natureza reflexiva aos valores e princípios que regem a conduta do ser (subjetividade). A moral pode ser definida como o conjunto de regras e normas estabelecidas por um determinado grupo social visando um convívio pacífico, harmonioso e condutas uniformes.

Nietzsche (1991), em *A Genealogia da moral,* salienta que o homem não é ético por natureza, mas age com bondade por medo das punições de uma moral criada e por estar sendo vigiado perenemente pela sociedade do controle. Uma moral, muitas vezes "podre" e imposta, via ideologização, como justa e correta, acaba sendo enraizada nos paradigmas culturais. Esta cultura ocidental é pautada pelo dualismo entre o correto e errado; justo e injusto; bem e mal.

Ainda com Boff (2004) estamos vivenciando uma das maiores crises de valores. O paradigma científico moderno se mostra limitado, fundado na física dos corpos inertes e nas ciências "exatas": só consegue estudar os seres vivos isolados e reduzindo-os a inertes, vale dizer, destruindo-os. A soma das partes não é e nunca será equivalente ao todo. É esse paradigma cartesiano e reducionista que devemos superar, por meio de uma lógica dialética, visto que conhecer um ser é conhecer seu ecossistema e a teia de relações. Nada pode ser compreendido e rotulado sem uma referência à sua história relacional e ao seu percurso temporal. Este percurso está totalmente aberto enquanto o homem for um projeto inacabado de Deus.

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

O mundo da liberdade não é aquele em que o homem faz o que quer ou faz o que é capaz de fazer em desabalada competição com os demais. É aquele em que seu potencial criador se exerce dentro de um espaço culturalmente delimitado, socialmente legítimo, em que o certo e o errado, o bem e o mal estão definidos com suficiente clareza. Para Heidegger (1989), por ser livre, o ser humano pode fugir das responsabilidades socioambientais e viver uma existência exteriorizada. Para que isso não aconteça, o mesmo precisa tomar a iniciativa de atribuir sentido à própria existência, fundada nos imperativos categóricos, e em ouvir a voz da alma racional (MEIER, 2004).

Dentro da ética dizemos que a liberdade de um indivíduo acaba quando se inicia a do próximo, portanto existe uma linha muito tênue entre liberdade e ética. A liberdade ocupa lugar central na filosofia do existencialismo e nos dias atuais é um tema que merece destaque, pois é justamente por vivermos em uma sociedade neoliberal e predatória que percebemos a importância de refletir sobre os paradigmas intrínsecos às políticas desenvolvimentistas e o compromisso com as questões socioambientais.

Conforme Singer (2002) somos responsáveis não só pelo que fazemos, mas também pelo que poderíamos ter impedido, visto que o fato de não termos degradado os recursos naturais e exterminado inúmeras espécies (vegetais e animais) não basta para nos converter em cidadãos do mundo moralmente decentes.

Para o epicurismo o princípio do ser ético está condicionado na capacidade do mesmo em fazer aquilo que aumenta a felicidade e diminui o sofrimento dos demais seres. O fato dos homens terem faculdades do intelecto (percepção, imaginação, razão,

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

memória e juízo) evoluídas, não pode servir de parâmetro para considerar a vida do *homo sapiens* como superior aos demais seres vivos e que sofre mais que um animal nas mesmas circunstâncias. O planeta precisa de seres humanos que incluam os demais seres para dentro da esfera da preocupação moral e parem de tratar suas vidas como descartáveis, diante de quaisquer objetivos econômicos das corporações e de seus colaboradores. Para Singer (2002, p.63):

> Às vezes os animais podem sofrer mais que os humanos, em razão de sua compreensão limitada. Um animal selvagem não consegue distinguir entre uma tentativa de dominá-lo e confiná-lo e uma tentativa de matá-lo; a primeira lhe causará tanto medo quanto a segunda.

Para Boff (2004) a classe operária está fortemente oprimida, as nações periféricas sendo exploradas pelos países centrais, a qualidade geral de vida deteriorada e a natureza espoliada. Não é a obra que interessa, mas a mercadoria colocada no circuito do mercado local, regional e mundial, em vista do ganho e do lucro. Consoante a Mckibben (1990), o sonho do crescimento irresponsável e ilimitado significa a invenção de forças destrutivas (em vez de produtivas) e a produção histórico-social da doença e da morte da Terra, de suas espécies e de tudo o que a compõe. O progresso, sob o viés do positivismo, sempre foi delineado para a máxima utilização, exploração e potencialização de todas as forças e energias da natureza e dos homens. O grande instrumento para o progresso é a ciência e tecnologia que produziram: o industrialismo, a informatização e a robotização. Esses instrumentos não surgiram para melhorar a vida das pessoas e conservarem os biomas, mas sim da vontade de poder, de conquista, de exploração e aumento da lucratividade das empresas (BOFF, 2004,

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

p.22)

Rhompson (2000) em sua ilustre obra *Gaia: uma teoria do conhecimento* alega que o homem é muito mais do que conhece e que as ciências jamais poderão abranger a totalidade do ser. Baseado nas ideias do grande cientista James Lovelock, a mãe Terra (Gaia) é um grande sistema interligado por uma rede de relações, que a razão pura não poderá jamais compreender e quantificar a participação de cada partícula entre o macrocosmo do planeta e o microcosmo da célula.

A mente humana e sua mudança é a única alternativa para restaurar a saúde de Gaia e religar o homem a Terra. Para Boff (2004) o estado do mundo está ligado ao estado de nossa mente. Se a Terra está enferma é indício de que nossa psique está doente. A ecologia mental procura reintegrar o homem ao seu ambiente e restabelecer sua benevolência com os ecossistemas e o meio social. O homem (*homo economicus*) ao endeusar a ciência e abraçar o racionalismo acabou dando as costas ao próximo e à natureza.

Para Al Gore (2006) a relação fundamental entre a sociedade moderna e o sistema ecológico do planeta foi transformada, total e radicalmente, devido a convergência de três fatores:

a) Explosão demográfica, pincipalmente após a 2º Guerra Mundial, na chamada geração *baby-boom*. Esse rápido crescimento populacional, principalmente nas nações subdesenvolvidas, aumenta a demanda por alimentos, água, energia e por todos os recursos naturais. Dessa forma se exerce uma enorme pressão em locais de alta vulnerabilidade ambiental (*hotspot*).

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

b) As grandes descobertas científicas e inovações tecnológicas nem sempre foram criadas e utilizadas de forma sábia e ética. Utilizar-se da ciência e tecnologia, mas cultivando velhos hábitos, implicará em impactos irreversíveis ao planeta. As organizações que dispõem de mais tecnologias têm, teoricamente, maior obrigação moral de utilizá-las com conhecimentos de causas e consequências.

c) O terceiro fator é na nossa maneira de pensar sobre as crises ecológicas globais, de forma equivocada, que precisamos escolher entre crescimento econômico e preservação ambiental. Colocar essa falsa escolha entre a nossa economia e o meio ambiente prejudicará o futuro das gerações.

Para Boff (2004) as duas grandes problemáticas da Terra são: a primeira é que o ser mais ameaçado da natureza é o pobre. Segundo Allais (1992) mais de um bilhão de pessoas vivem em estado de pobreza absoluta; 60 milhões morrem anualmente de fome e 85 % da riqueza planetária está na não de apenas 6 % da humanidade. A segunda refere-se às espécies de vida que são constantemente ameaçadas. Estimativas apontam que a partir de 1990 está desaparecendo uma espécie por dia.

Concordando com Galvão (1996), a falta de ética na condução do capitalismo brasileiro, seja pelos empresários inescrupulosos e ambiciosos, seja pela conivência e omissão do governo, tem gerado grandes crises e conflitos. Nem tudo que é legal e escolha de vida é ético. A própria nomenclatura da “moralidade” vem se alterando. Antes, o indivíduo era ladrão, hoje, ele é esperto e malandro; no passado, o cara era vagabundo, hoje é descolado; antes, era explorador de pessoas e dos biomas, hoje é empreendedor e visionário; a mulher, no passado era adúltera, hoje é liberal; a nova

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

moral tem desculpas e atenuantes para tudo.

De acordo com Attfield (1983) as condutas dos ocidentais são decorrentes de uma mescla de atitudes dos povos hebraicos, como representado nos primeiros manuscritos bíblicos, e da filosofia da Grécia Antiga. A própria bíblia deixa clara a ideia de que a natureza deve servir ao homem e esse, por sua vez, não tem responsabilidade alguma em respeitar e preservar vidas não humanas: "E Deus abençoou-os, e lhe disse: crescei e multiplicai-vos, repovoai e dominai a Terra; e dominai os peixes do mar. E as aves do céu e todas as coisas vivas que se movem na terra". O grande filósofo moderno Francis Bacon dizia que "devemos subjugar a natureza, pressioná-la para nos entregar seus segredos, amarrá-la a nosso serviço e fazê-la nossa escrava". É um grande erro rebaixar a Terra a um conjunto de recursos e como reservatório físico-químico de matérias-primas submisso às necessidades e cobiça humana. A Terra é a grande mãe que nos ensina o sentido da vida, nos nutre e nos carrega para a eternidade.

O capitalismo é um sistema insustentável à medida que se utiliza da exploração dos seres humanos e recursos naturais, para alcançar seus objetivos e seguir a lógica do mercado. Essa lógica que explora as classes e submete os povos aos interesses das nações desenvolvidas e aos poderosos empresários é a mesma que parasita a Terra e espolia suas riquezas, sem nenhuma solidariedade e respeito às futuras gerações. A saída para um desenvolvimento mais equilibrado, na visão de Kuhn (1997), está fundada na necessidade emergencial de quebra de paradigmas. Na sociedade contemporânea se perpetua o paradigma clássico das ciências com seus famosos

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

dualismos e divisores como o mundo material e espiritual, a separação entre a natureza e cultura, entre ser humano e mundo, razão e emoção, feminino e masculino, Deus e os homens e a atomização dos saberes científicos. Devemos mudar nossos modelos de produzir e gerar ciência, nos padrões de apreciação, no modo de valorizar, de interpretar e de intervir na natureza, no habitat e na história. (BOFF, 2014)

A exclusão dos pobres, dos mais fracos, dos incapazes, deixa de ser um assunto socioeconômico para converter-se num problema ético e de segurança. Hoje, há um capitalismo mais selvagem, chamado neoliberalismo. Nada mais é que a aplicação das teorias liberais, iniciadas por John Locke (1632-1704), e renovadas pela Escola de Chicago (1960), às contingências do Século XX e a abertura de mercados (*laissez-faire*). Somos reféns de um paradigma que nos coloca, contra o sentido do universo, sobre as coisas ao invés de estar com elas na grande comunidade cósmica.

Para Galvão (1996, p.49) esse modelo de desenvolvimento econômico induz o consumismo, afasta o homem do senso crítico e estimula o culto ao supérfluo e estético, o que acarreta em contrastes. “A sociedade consumista é um desvio das exigências éticas. Cria privilégios, fortalece uma minoria e exclui as massas. O mercado torna-se deus e vida da sociedade. Estar excluído do mercado é não ter vida.” O neoliberalismo corrompe a democracia e confronta os princípios da sustentabilidade.

O político é eleito para defender os interesses das grandes corporações. Nesta configuração distorcida os políticos desrespeitam os seus eleitores e atribuem cada vez mais poder às instituições privadas O Estado e suas políticas liberais facilitam a entrada e operação de organizações multinacionais, que são proibidas de funcionarem em seu

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

pais de origem, mas que no Brasil encontram uma grande oportunidade para produzir bens, a baixo custo, que oferecem grandes externalidades ecológicas e riscos à saúde humana.

Concordando com Braga e Miranda (2002) países com IDH baixo, má distribuição de renda, rico em recursos naturais e com regulações ambientais brandas favorecem a entrada de capital estrangeiro (investimentos) para a produção de bens que geram grandes impactos ambientais, por conseguinte, fomentam a existência dos "paraísos de poluição". Para Sung (1995), citado por Galvão (1997, p.49):

> [...] o capitalismo promete o paraíso da abundância de consumo, para isso cria mecanismos para a máxima produção, e para suprir as demandas do consumismo garanti a sobrevivência dos mais poderosos, sacrifícios dos mais fracos e intensificação da exploração dos recursos naturais.

OS DILEMAS DO DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE

A problemática ambiental adquiriu evidência no final do Século XX, mais precisamente na década de 60, em função de três fatores: a amplitude dos efeitos nocivos às diversas fontes de poluição, a crescente utilização intensa e irracional dos recursos naturais e a constatação científica da irreversibilidade que as alterações antropológicas provocaram nos mais diversos ecossistemas. Segundo Leef (2000), citado por Rocha (2011), tais desequilíbrios ecológicos são decorrentes do modelo desenvolvimentista, guiado pelo positivismo e pelo objetivo de maximizar os lucros das economias capitalistas. A partir dessa situação se faz necessário relacionar a degradação ambiental com as políticas de desenvolvimento socioeconômico.

Rachel Carson, ilustre e corajosa bióloga norte-americana, em sua obra *The*

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

Silent Spring, publicada em 1962, denuncia sobre os impactos nocivos dos agrotóxicos. A partir da repercussão dessa obra várias nações e empresas começaram a se preocuparem com os limites, escassez, baixa qualidade dos recursos naturais e como que essas externalidades ambientais podem afetar o crescimento econômico e a qualidade de vida das pessoas. Segundo Rocha (2011) o debate sobre a noção de sustentabilidade evoluiu no sentido de incorporar dimensões diversas (sociais, culturais e econômicas) além daquela relacionada aos recursos naturais. De acordo com Nascimento e Vianna (2007) a maior lição que a ecologia dá ao economista é que os homens devem aprender a conceber sistemas de produção à imagem dos ecossistemas, em forma de *loops.*

A ideia de desenvolvimento sustentável surgiu a partir do conceito de "ecodesenvolvimento", criado pelo economista polonês Ignacy Sachs, explorado e reformulado na Primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, em Estocolmo, na Suécia (1972). Pode- se dizer que há infinitas formas de defini-lo e polêmicos debates acerca do real significado da "sustentabilidade". Existem várias correntes de pensamento sobre o assunto e significativas diferenças de abordagens ideológicas e metodológicas. Para Faria (2015) o "desenvolvimento" só é alcançado quando os fatores econômicos, ecológicos, sociais, culturais e políticos evoluem de maneira integrada, equilibrada e de forma gradativa. Portanto, não podemos dizer que crescimento econômico é sinônimo de desenvolvimento e que esse, por sua vez, é sustentável.

Ainda com Nascimento e Vianna (2007, p. 23) a viabilidade econômica é uma

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

condição necessária, porém certamente não suficiente ao desenvolvimento pleno e planejado. O econômico não é o objetivo em si, é apenas o instrumental com o qual podemos buscar conciliar desenvolvimento com os pilares da sustentabilidade. Para que o desenvolvimento possa tornar-se sustentável há que se integrar na sua concepção alguns pressupostos: o primeiro é relativo à ideia de permanência (resiliência); conservação e preservação dos recursos; considerar a complexidade das relações existentes nos sistemas sociais e, por fim, toda e qualquer iniciativa de reflexão crítica sobre a noção de desenvolvimento sustentável só poderá ser realizada de forma dialética e consistente com as relações históricas no âmbito social, cultural, ecológico e econômico.

O pesquisador Jose Eli da Veiga (2010) traz à tona o real significado do "desenvolvimento sustentável", que para ele não deixa de ser utópico. O desenvolvimento está muito além do conceito de crescimento, mensurado pelo PIB, que se restringe ao aumento exponencial, quantitativo, sem levar em consideração as técnicas e métodos de produção do capital com criatividade, potencialidade e equidade. O verdadeiro e efetivo desenvolvimento prioriza a coletividade, o trabalho coletivo, a produção capaz de distribuir a riqueza acumulada de forma igualitária, buscando a qualidade nos aspectos sociais, educacionais e econômicos. A China é a nação que apresenta um crescimento do PIB indubitável, mas será que é sustentável? Certamente que não, visto que lidera o ranking mundial das nações mais poluidoras, apresenta um dos menores IDH do mundo, tem um intenso grau de exploração de mão-de-obra e adota práticas de mercado bem distantes da ética.

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

No relatório de *Brundtland*, conhecido no Brasil pelo título Nosso Futuro Comum, publicado em 1987 na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente (Eco-92), a ideia de desenvolvimento sustentável aparece nos seguintes termos: “tudo aquilo que é capaz de suprir as necessidades das nações sem comprometer o bem estar das futuras gerações”. Para Carvalho (1992), o adjetivo sustentável remete àquilo que está em perfeito equilíbrio, que se conserva sem desgaste e se mantém no tempo.

No final do século XX o mundo começou a ter ciência das crises dos impactos socioambientais gerados pelas políticas econômicas do liberalismo. Graças aos inquestionáveis avanços científicos e tecnológicos, os países centrais alcançaram um rápido crescimento econômico e modernização industrial. No entanto, tal padrão de “desenvolvimento”, alicerçado na ciência moderna, divisão do trabalho, racionalização e especialização dos saberes acentuou ainda mais: as injustiças sociais; a redução da cobertura florestal; descrédito da política; ruptura com a moral e crises financeiras, em todos os setores da economia. Segundo Boff (2004, p.28-29): “Conhecer não é apenas uma forma de dominar a realidade. Conhecer é entrar em comunhão com as coisas, é unir o logos (razão) com o eros (paixão), o pathos (sensibilidade e afetividade) e o daimon (a voz interior da natureza).”

Na ilustre obra *Capitalismo Natural*, Hawken (1999) afirma que o capitalismo convencional consiste no mercado livre, onde os lucros reinvestidos tornam o trabalho e o capital cada vez mais produtivos, fábricas maiores e mais eficientes, além da preocupação das empresas em alocar e direcionar pessoas e recursos para o uso superior e melhor. O capital natural e o humano têm pouco valor em comparação com o valor e utilidade dos bens de produção. Para o autor toda

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

economia saudável é aquela que mantém uma forte relação de equilíbrio entre os capitais (humano, financeiro, manufaturado e natural). O capitalismo "industrial" peca ao utilizar-se dos três primeiros capitais para transformar os recursos naturais em bens, que na maioria das vezes não são essenciais e necessários aos homens.

Vivenciamos um mundo que violar princípios morais da sociedade, sonegar impostos, espoliar a natureza, poluir, subornar, coagir, manipular colaboradores e ludibriar clientes e consumidores faz parte da "cultura" de competição e crescimento econômico das organizações liberais. É raro uma empresa que nunca se utilizou de tais condutas para conseguir seus objetivos econômicos. Talvez o "*ethos*" nunca teve tanto em desuso e fora do mundo dos negócios. Concordando com Schweitzer (1929) manter e fomentar toda e qualquer forma de vida é bom; destruir e impedir sua continuidade é mau.

Fromm (1969) disse que estamos vivendo em uma sociedade completamente mecanizada e chefiada por uma corja de capitalistas desumanos, que veem na política liberal um instrumento facilitador da coerção social, exploração dos recursos naturais e ganhos econômicos. Para esse renomado psicanalista a sociedade está direcionada à máxima produção e a distanciar de seus princípios éticos, contribuindo assim na transformação do homem em parte de uma máquina. Esforça-se para mantê-lo alienado, distraído, passivo e com pouco sentimento pelas pessoas e pela natureza.

Segundo Dansereau (1999), devemos evitar qualquer inovação tecnológica que possa ameaçar a natureza humana e destruir os ecossistemas. Entendemos como técnicas destrutivas as que: ameaçam a existência do planeta; são lesivas à saúde de

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

pessoas ou de populações; ameaçam o equilíbrio mental ou emocional dos homens; ameaçam a harmonia social; são nocivas ao equilíbrio ecológico da natureza; ameaçam a liberdade de pensamento, expressão, decisão e ação de pessoas, grupos sociais e nações e, por fim, favorecem a exploração econômica de populações ou nações.

Como nos mostra o cenário político contemporâneo, frequentemente as mentiras são mais plausíveis do que as verdades, que só vêm a público como exceção. Acreditar na retórica hipócrita e no *slogan* das corporações, ditas comprometidas com as questões e crises socioambientais, é mais cômodo que investigar com profundidade a veracidade dos fatos, visto que já nos acostumamos com mentiras. Vivenciamos a maior crise da ética, desde os primórdios da humanidade, em que refundar uma aliança moral entre os seres humanos e os ecossistemas é inadiável. A causa primária da insustentabilidade está na cobiça humana e no consumo demasiado. Nietzsche acreditava que a vontade de poder-dominação define o perfil do ser humano das sociedades modernas.

Seguindo essa lógica é pertinente salientar a temática apresentada com brilhantismo no documentário *A história das coisas* (*The Story of Stuff*), que retrata de forma didática as grandes externalidades negativas que o modelo de produção capitalista, em toda sua cadeia, gera nos ecossistemas e em nossas vidas. Questiona sobre os nossos valores, os padrões sociais de consumo impostos pela mídia e o poder que as grandes empresas têm sobre o comportamento dos consumidores e sua relação com o Estado. O governo, a fim de manter-se no poder, passa a se sentir na

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

"obrigação" de favorecer, facilitar a expansão das grandes corporações "sujas" e ser conivente com as externalidades socioambientais geradas por certas atividades econômicas.

O capitalismo apresenta uma natureza insustentável, pautada na exploração ilimitada dos recursos naturais e humanos, em busca do lucro máximo na economia de mercado. Tal assertiva fica evidente no documentário *The Corporation* que demonstra de maneira evidente o histórico e o poder, consentido pelo Governo, às grandes corporações que se vanglorificam informando à sociedade que estão sempre criando produtos que melhoram a vida das pessoas e que investem milhões em projetos de responsabilidade social. Tudo isso não deixa de ser uma grande farsa, ou melhor, uma estratégia maquiavélica e covarde para maximizar seus lucros, acobertar as externalidades socioambientais e uma forma de alinhar a cultura com a lógica do capitalismo.

Para atender as necessidades do homem contemporâneo as organizações passaram a produzir bens e serviços, que acabam tendo mais valor que a natureza e os seres humanos. Tudo o que se produz não é mais resultado da criatividade do empreendedor, da cultura, da responsabilidade socioambiental, do desenvolvimento intelectual, da manifestação dos valores éticos e da internalização de suas capacidades artísticas. Hoje a lógica do sistema de produção capitalista é quem determina a cultura a ser reverenciada na sociedade industrial. Cria-se uma "necessidade" social e ao mesmo tempo um bem para supri-la. Dentro de uma sociedade consumista a cultura se

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

origina sempre para satisfazer as necessidades humanas.

A cultura é produzida como mercadoria e planejada a fim de gerar lucros. Nasce o individualismo e a sensação do senhor da natureza e fiéis adeptos da moral neoliberal, que mantêm seus seguidores passivos, alienados e prontos para absorverem os ensinamentos de consumo dessa indústria. Para Adorno e Horkheimer (1969) as organizações, com o intuito de influenciar, transformar hábitos, manipular consumidores potenciais, criar outra visão de mundo e atingir a grande parte da sociedade em pouco tempo, utiliza-se dos meios de comunicação de massa (*mass media*) para estimular novos hábitos de consumo e propagarem a ideia de que são organizações éticas e preocupadas com a qualidade de vida dos excluído e com a conservação dos biomas.

A mídia rege nossa forma de pensar e se relacionar com a sociedade e os recursos naturais. Segundo Morais (2004) a informação é função economicamente explorável e ideologicamente manipulável, os meios de comunicações utilizam-se da tecnologia e conhecimento para formar opiniões, gostos e endeusar corporações, que caminham bem distantes da ética e sustentabilidade. Para Figueira (2014) essa “indústria cultural” colabora para a massificação e a universalização da cultura “global”, distanciando o homem de sua natureza ética. Somos apenas meros telespectadores do real e um dócil soldado da moral capitalista em busca da especialização do saber e na exploração irracional dos recursos naturais.

Nietzsche (2004), assim como Rousseau (2004), acredita que a única via capaz de criarmos um novo homem, que esteja acima dos valores impostos pelo sistema de

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

produção capitalista, que diz sim à vida; esse novo ser será marcado pelo poder da criação e pela vontade e afirmação da potência humana. Assim, propõe uma educação voltada à "renaturalização" do ser para a vida, desprovida das alienações pragmáticas, capaz de despertar nos homens a vontade espontânea de contestar valores e buscar uma nova aliança com a Terra.

Concordando com Morais (2004) não podemos mais ter uma educação voltada ao utilitarismo e à retórica dos neoliberais. Devemos primar por uma escola capaz de acolher, proteger os educandos e livrá-los do que é nefasto e antiecológico; precisamos ajudá-los a aprender a lidar com o positivo e negativo, a desenvolver virtudes e aprimorar o senso crítico.

Para Galvão (1997) o Brasil apresenta um sistema educacional falido, em que os alunos são adestrados para servirem aos interesses da propriedade privada. Temos uma educação básica pública com currículos deficientes, leis educacionais arcaicas e esdrúxulas, material escolar escasso e que, na maioria das vezes, não contempla de forma interdisciplinar e eficiente os problemas socioambientais, livros didáticos que camuflam a realidade e manipulam ideologicamente os jovens a acreditarem nas mentiras do "sistema", escolas sem estrutura e professores especialistas, desmotivados e com pouco preparo intelectual para uma função tão nobre.

A UTOPIA DA SUSTENTABILIDADE CORPORATIVA

Para Donaire (1999) a sustentabilidade corporativa é a capacidade de uma organização em se adequar-se às normas legais e exigências dos *stakeholders* por um sistema de produção que contemple as questões sociais e ambientais. Conforme Porter

(1995) faz-se necessário uma mudança ideológica e de conduta das empresas, pois não deve existir nenhum tipo de conflito entre ganhos econômicos e ambientais. A sustentabilidade não é ser somente "ecologicamente correto", pois envolve as questões sociais, culturais, econômicas e ambientais. Outro ponto a salientar é que a sustentabilidade corporativa presume-se na capacidade de uma organização se manter equilibrada e se relacionar de forma sinérgica com o meio ambiente e atores sócios envolvidos ou não com seus negócios, durante toda sua trajetória de vida. Portanto, o histórico de uma corporação é parâmetro importantíssimo para rotulá-la como sustentável.

Monsanto a Serviço da Guerra do Vietnã

O Vietnã era de domínio da França, mas no pós-guerra os vietnamitas conseguiram sua independência. O território ficou dividido politicamente em Sul (capitalista) e Norte (comunista). O antigo Vietnã do Sul dependia da ajuda econômica e militar dos EUA, enquanto o Vietnã do Norte recebia apoio da União Soviética e da China. Essa luta entre as regiões pela unificação é considerada a guerra mais sangrenta e duradoura (1959-1975) do Século XX. Os Estados Unidos lutou ao lado das tropas do Vietnã do Sul contra as forças do Vietnã do Norte. A atuação americana nessa guerra fez parte de sua política de contenção do comunismo.

Segundo Magnoli (2013) a participação dos Estados Unidos na guerra, no entanto, não conseguiu a derrota das forças vietcongues. Utilizando-se do conhecimento geográfico das matas, alto treinamento tático de guerrilhas, armamento pesado (fuzil AK-47), lançamento de bombas de Napalm e local montanhoso, tornaram

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

as batalhas desgastantes para as forças norte-americanas.

O fator que mais dificultava os americanos era a mata extremamente densa e muito úmida, localizada em regiões montanhosas, que serviam abrigos e esconderijos estratégicos dos vietcongues. Mediante tal obstáculo o Governo Americano recorreu em busca do auxílio da empresa Monsanto, que passou a produzir e vender em larga escala o chamado "agente laranja" ao governo dos EUA. Tal coquetel químico, resultado de uma mistura de dois herbicidas sintéticos desfolhantes, o 2,4-D e o 2,4,5-T, tinha como objetivo matar as árvores e exterminar as plantações dos vietcongues. Segundo Dorst (1973, p. 204) os agrotóxicos (inseticidas e herbicidas) sintéticos são fabricados em grande escala a um preço baixo. Todavia, esses produtos, em sua grande maioria, não são seletivos, matando indiscriminadamente e levando ao desaparecimento de inúmeras estirpes de vegetais e animais.

Como se não bastasse as sequelas desse coquetel, a Monsanto alterou seu processo de produção e purificação química, em vista da grande urgência e alta demanda do governo. Todavia tal mudança resultou na geração de um subproduto insolúvel, tóxico, acumulativo e extremamente cancerígeno, chamado de dioxina tetraclorodibenzodioxina. A classificação quanto a carcinogenicidade para humanos, de acordo com a Agencia Nacional de Pesquisa de Câncer dos Estados Unidos (IARC), considera que o 2,3,7,8-TCDD é carcinogênico para humanos (Grupo I); que age em vários órgãos em animais de experimentação, através de mecanismo envolvendo o receptor AhR (IARC, 1997).

Entre os males causados pela dioxina no homem podemos citar o extermínio das

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

defesas orgânicas, o surgimento de vários tipos de câncer e a teratogenia, isto é, a propriedade de geração de crianças deformadas (falta de nariz, lábios leporinos, olhos cíclopes, ausência de cérebro e etc.). No período de 1961 a 1971, as tropas americanas aspergiram 80 milhões de litros de herbicidas, que continham 400 quilogramas de dioxina sobre o território vietnamita (SCHECTER, 2001).

Até hoje esses impactos estão visíveis e presentes nos biomas e nas comunidades vietnamitas. Temos uma grande surpresa ao entrarmos no site da Monsanto do Brasil e ler sobre um dos itens de seus "valores": "Respeitar as questões religiosas, culturais e éticas das pessoas em todo o mundo. A segurança de nossos funcionários, das comunidades onde atuamos, dos nossos clientes, dos consumidores e do meio ambiente é nossa prioridade." O espanto ainda é maior ao analisarmos sua missão: "Produzir mais, conservar mais e melhorar vidas." Hoje a Monsanto é rotulada como uma das empresas mais sustentáveis do agronegócio, principalmente por fazer parte em 2009 do Pacto Global das Nações Unidas, a maior iniciativa de sustentabilidade e cidadania corporativa do mundo. Parece que o ontem não interfere no julgamento do hoje e o que se fez pode ser "compensado" e reparado, como se a vida fosse reciclável.

Fordlândia: O Sonho que Virou Pesadelo

Segundo Boff (2004, p.123), a Amazônia continental compreende cerca de 6,5 milhões de quilômetros quadrados, cobrindo dois quintos da área latino-americana e três quintos da área brasileira. É considerada a maior floresta pluvial tropical do mundo e abriga uma sombrosa biomassa e diversidade de espécies endêmicas e outras ainda

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

desconhecidas pelo homem. É também o ecossistema mais ameaçado pelos grandes empreendimentos.

Conforme Francisco Costa (1993), em sua grande obra *Grande Capital e Agricultura na Amazônia*, afirma que a entrada do capital internacional na Amazônia nunca se deu de forma amadora e ingênua, e muito menos com a preocupação de melhorar a qualidade de vida de seus habitantes. Henri Ford e Daniel Ludwig desenvolveram um arrojado e gigantesco projeto de implantação de um braço da Ford na Amazônia, consolidado em 10 de outubro de 1927, de plantio e extração de látex (Fordlândia e Belterra) no Pará. Na época existia uma grande demanda por borracha e o predomínio de oligarquias e monopólios ingleses, do látex produzido na Ásia, o que aumentava sensivelmente os custos de produção da borracha.

Todos os investimentos foram oriundos de grandes empresas automobilísticas, sendo a *Ford Company*, a maior interessada e investidora de tal projeto contando para isso com a complacência e apoio do governo brasileiro, que cedeu um milhão de hectares no rio Tapajós (Pará) isenção total de impostos por 50 anos e usufruto para quaisquer fins. Para Morel (1984, p.60) essa ideia megalomaníaca resultou em inúmeros erros, acontecimentos e dificuldades, que acarretaram danos socioambientais (poluição nos cursos de água, queimadas, desmatamento, exploração dos nativos, centros de prostituição, alastramento de epidemias (malária), rebeliões, acúmulo de lixo e carência de alimentos aos trabalhadores e outros danos incalculáveis, tais como: a falta de mão-de-obra qualificada em todas as etapas de produção do látex; a dificuldade em conseguir um padrão de qualidade exigido pelo mercado externo e, o principal, que

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

foi a incidência do patógeno (*Dothinella ulei*) que dizimou grande parte das seringueiras e colaborou diretamente para o abandono do projeto e o repasse desse gigantesco passivo econômico, social e ambiental ao permissivo e indolente governo brasileiro.

A Nike e o Sacrifício Daqueles que Nunca Terão Asas

A Nike é atualmente uma das 20 marcas mais valiosa do mundo, de acordo com a Forbes. Com produtos icônicos e patrocínios milionários a atletas renomados. Seus produtos são símbolos de *status* e desejo entre os adolescentes e jovens. Ela é responsável por ditar um estilo de vida saudável e de conquista. Se perguntássemos aos seus consumidores qual a palavra que define a imagem da empresa Nike, tenho a certeza que muitos diriam: entusiasta, alegre, jovem, expansiva e vitoriosa. Um dos maiores erros dos homens está em atribuir adjetivos humanísticos às corporações,

incapazes de apresentam algum tipo de sentimento pelos homens e natureza, de remorso e responsabilidade socioambiental.

A começar pela criação do famoso e rentável logotipo (com forma de asa em atributo à deusa alada da vitória da mitologia grega, Nice), desenvolvido pela jovem Carolyn Davidson em 1971. Carolyn era estudante de *design* gráfico da faculdade de Portland State University quando Phil Knight, professor assistente da universidade, a contratou para criar um logotipo para a empresa que estava abrindo e pagou-lhe míseros US$ 35.00 por essa criação milionária.

A Nike durante a década de 90 foi acusada de explorar os trabalhadores em condições precárias de trabalho; uso de mão-de-obra infantil; pagamento de salários baixíssimos e por instalar suas unidades produtivas em países periféricos como a

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

Indonésia, China, Paraguai, Índia, Vietnã, Honduras, Turquia e México. Sua preferência sempre foi por adquirir produtos de fornecedores localizados em países com baixos IDH, sem legislação trabalhista e ambiental adequada e com incentivos fiscais de governos corruptos e descomprometidos com a qualidade de vida da sociedade (KLEIN, 2003).

Em 2011 a Nike foi acusada por ativistas de comprar materiais de fornecedores que poluíam os rios da China com resíduos químicos perigosos à saúde humana e para o meio ambiente. Como se não bastasse as externalidades ecológicas de seus fornecedores, a tecnologia empregada e os métodos de fabricação das solas dos tênis geravam subprodutos químicos prejudiciais aos seus colaboradores e biomas.

BMW e sua Relação de Amor com o Nazismo

A BMW foi fundada antes da ascensão do nazismo. Mas, nos anos 1930 e 1940, o grupo funcionou apenas como fornecedor de equipamentos para a indústria alemã de armamentos e passou por sérios problemas econômicos, chegando prestes à falência, quando resolveu então a empregar trabalhadores escravos oriundos dos campos de concentração nazistas a fim de reduzir os custos de produção (MARCHESAN, 2017).

De acordo com Scholtyseck (2011) a BMW começou a abastecer a demanda de armas, baterias, motores de aeronaves e outros equipamentos bélicos a serviço do nazismo. Uma de suas plantas, em Estrasburgo, apresentava um pavilhão específico para a concentração e tortura dos presos que se negavam a obedecer as ordens dos supervisores do chão de fábrica da empresa em Sagan, na Polónia. Estima-se que

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

morriam em média 80 trabalhadores por mês.

A BMW é a empresa do setor automobilístico mais sustentável do mundo, conforme o índice Dow Jones (2018). É a única fabricante de automóveis que figura no ranking desde 1999. O que mostra uma grande contradição e a adoção de índices e critérios apenas ecológicos, tais como, produção de veículos elétricos e híbridos; investimentos em energias alternativas; baixa emissão de CO_2; uso de matéria prima sustentável; programas de reciclagem e outros. Notamos que esse adjetivo "sustentável" não considera os indicadores sociais e muito menos os impactos de seu histórico de políticas distantes da responsabilidade social e ética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse mundo corporativista é desprovido de compaixão pelos pobres e pela natureza. Só tem um objetivo alcançar o lucro máximo sem mensurar suas externalidades. As grandes empresas privadas criam um sistema com uma falsa segurança, ditando novas normas morais, contrarias ao tradicionalismo. Se vier a falhar em algum momento pode levar o individuo, facilmente manipulado ideologicamente pela mídia de massa, a confiar nesse sistema predador dos ecossistemas, que aos poucos faz os homens perderem os seus laços com a sociedade e a terra. É uma grande hipocrisia acreditar que existem corporações sustentáveis, visto que estas são determinadas pela lógica do sistema de produção capitalista e apresentam um passado obscuro e podre.

O ser humano encontra-se perdido no emaranhado das relações que criou com

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

ele mesmo. Apresenta-se empobrecido, desvitalizado, acrítico, despolitizado e encurralado em suas próprias fronteiras que ameaçam espécies. Nunca tivemos na história da humanidade um "grito ecológico" tão marcante e verdadeiro como a declaração do Cacique da tribo dos Duawamish (*Seatle*), proferida a Issac Stevens (governador de Washington) em 1856, e publicada em 1877, citada por Boff (2004, p.295-296):

> O homem branco esquece a sua terra natal, quando, depois de morto, vai vagar por entre as estrelas, Os nossos mortos nunca se esquecem esta formosa Terra. Sabemos que o branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele um lote de terra é igual ao outro, porque ele é um forasteiro que chega na calada da noite e tira da terra tudo o que necessita. A Terra não é sua irmã, mas sua inimiga. E depois que a conquista ele vai embora. Deixa para trás os túmulos de seus antepassados e nem se importa. Arrebata a terra das mãos de seus filhos e esquece a sepultura de seus pais e o direito de seus filhos à herança. Ele a Terra e o céu como coisas que podem ser compradas, saqueadas, vendidas como ovelhas ou quinquilharias brilhantes. Não foi o homem que teceu a trama da vida, pois ele é meramente um fio da mesma.

A sociedade contemporânea revela-se longe de promover um sempre crescente e ampliado bem-estar da sociedade. O modelo de organização social e o sistema de produção econômico neoliberal só faz acentuar as desigualdades sociais e os impactos ambientais. Assentado sob a ilusão de uma exploração ilimitada da natureza e no paradigma do positivismo. O modelo civilizatório que produziu riquezas e fortaleceu a classe dominante também contribui para a rápida devastação das reservas de matérias primas e de energia necessárias à produção de bens, colocando em risco as próprias condições de vida no planeta. Não existe nada mais antiético que condenar a qualidade de vida daqueles que ainda não nasceram.

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. Teoria da cultura de massa. S. Paulo: Paz e terra, 1969.

ALLAIS, C. O estado do planeta em alguns números. In: BARRERE, M. Terra, patrimônio comum. São Paulo: Nobel, 1992, p. 243-51.

ALTIERI, M. Sustentability and the rural poor: Latin American perspective. In:

ALLEN, P. Food for the future. New york: John Wiley & Sons, 1993.

ARDUINI, J. Destinação Antropológica. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 173-179.

ATTFIELD, R. The ethics of environmental concern. University of Georgia Press, 2011.

BENJAMIM, C. Ética, liberdade e verdade. Disponível em:<http:www.desempregozero.org.br> Acesso em 15 out. 2008.

BMW É A MONTADORA MAIS SUSTENTÁVEL DO MUNDO. Disponível em:

<http://www.autoinforme.com.br/bmw-e-a-montadora-mais-sustentavel-do-mundo/>. Acesso em 18 ago. 2018.

BOFF, L. América Latina: da conquista à nova evangelização. São Paulo: Ática, 1992.

BOFF, L. Saber cuidar. Ética do humano-compaixão pela Terra. Petrópolis: Sextante, 1999.

BOFF, L. Ethos mundial. Brasília: Letraviva, 2000.

BOFF, L. Ecologia: grito da terra, grito dos pobres. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

BRAGA, A.S; MIRANDA, L.C. Comércio e meio ambiente: uma agenda positiva para o desenvolvimento sustentável. Brasília: MMA/SDS, 2002

CARSON, R. Primavera silenciosa. Traduzido por Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo, Ed. Gaia, 2010.

COSTA, F. A. Grande capital e agricultura na Amazônia: a experiência Ford no Tapajós. Belém:

Editora Universitária da UFPA, 1993.

BUENO, I.J. Liberdade e ética em Jean Paul Sartre. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Dissertação de mestrado, 2007, p.117.

CARVALHO, I. Desenvolvimento sustentável: da economia à política. In: SOARES, M. C. C. (Org.). Dívida externa e meio ambiente. IBASE: Rio de Janeiro, 1992.

CASSIRER, E. A filosofia do iluminismo. Campinas: Unicamp, 1992.

DANSEREAU, P. A terra dos homens e a paisagem interior. Universidade Federal do Pará: UFPA/naea, 1999.

DONAIRE, D. Gestão ambiental na empresa. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

DORST, J. Antes que a natureza morra: por uma ecologia política. São Paulo: Blucher, 1973.

FARIA, R.L. Os desafios da sustentabilidade rural. Águas de São Pedro, SP: Editora Livronovo, 2015.

FIGUEIRA, F. Como se formar além da informação? **Revista Filosofia. Ciência & Vida**, n. 101, dez 2014, p.65-71.

FROMM. E. A evolução da esperança por uma tecnologia humanizada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

GALEANO, E. As veias abertas da América Latina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

GALVÃO, A.M. Ética cristã e compromisso político. São Paulo: Editora Ave Maria, 1996.

GALVÃO, A.M. A crise da ética: o neoliberalismo como causa da exclusão social. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GEORGESCU-ROEGEN, N. Process in farming versus process in manufacturing: A problem of balanced development. In: PAPI, U.; C. NUNN, C.(Eds). Economic problems of agriculture in Industrial societies. London: MacMillan, 1969.

GORE, Al. Uma verdade inconveniente. São Paulo: Manole, 2006.

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

GRANDIN, G. Fordlândia: the rise and fall of Henry Ford's forgotten Jungle City. **Revista Exame**, jul.2009, p. 112-113.

GREENPEACE ENCONTRA RESÍDUO TÓXICO EM ROUPAS DE GRIFE FEITAS NA CHINA. Folha de São Paulo. 23 de agosto de 2011.

HAWKEN, P; et al. Natural capitalism: creating the next industrial revolution. New York: Little, Brown and Company, 1999.

HEIDEGGER, M. Conferências e escritos filosóficos. São Paulo, Nova Cultural, 1989. (Col. Os Pensadores).

INTERNATIONAL AGENCY FOR RESEARCH ON CANCER. IARC Monographs on the evaluation of carcinogenic risks to humans - Polychlorinated dibenzo-para-dioxins and polychlorinated dibenzofuranos. Lyon: IARC, v. 69 p, 666, 1997.

KLEIN, N. Sem Logo: a tirania das marcas em um planeta vendido. Trad. Ryta Vinagre. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.KUHN, T. A estrutura das revoluções científicas. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1997.

LEFE, E. Espacio, lugar y tiempo: la reapropración social de la natureza y la construcción local de la racionalidade ambiental. In: Desenvolvimento e Meio Ambiente- Teoria e Metodologia em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Curitiba: Editora da UFPR, n.1, 2000, p. 57-70.

LIMA, C. C. Os aliados ocultos de Hitler. **Revista Super Interessante**, São Paulo, n. 333, p. 24–35, maio de 2014.

LOGOS THAT BECAME LEGENDS: Icons from the world of advertising. **The Independent**. London. 4 de janeiro de 2008. *Consultado em 11 de fevereiro de 2010.*

MAGNOLI, D. Guerras da Indochina. São Paulo: Contexto, 2013.

MARCHEAN, R. Volks, BMW e Hugo Boss: essas e outras gigantes ajudaram Alemanha nazista.

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

Disponível em:<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2017/09/12/empresas-nazismo.htm> Acesso em 15 set. 2017.

MARCUSE, H. O fim da utopia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

MARITAIN, J. A filosofia moral. Rio de Janeiro: Agir, 1973.

MARX, K. O capital: crítica da economia política. Trad. Reginaldo Santanna. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MCKIBBEN, B. O fim da natureza. São Paulo: Nova Fronteira, 1990.

MEIER, C. Filosofia por uma inteligência da complexidade. 2. ed. Belo Horizonte: Pax, 2014.

MERLEAU- PONTY, M. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MESTERS, C. Palavra de Deus na história do homem. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.

MORAIS, R. Educação, mídia e meio ambiente. São Paulo: Alínea, 2004.

MOREL, E. Amazônia saqueada. São Paulo: Global, 1984.

NASCIMENTO, E. P.; VIANNA, J. N. Dilemas e desafios do desenvolvimento sustentável no Brasil. In:_____(Org.). Dilemas e desafios do desenvolvimento sustentável no Brasil. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

NIETZSCHE, F. A genealogia da moral. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p.94. (Os Pensadores).

NIETZSCHE, F. Escritos sobre Educação. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

OLIVEIRA, A.U. Amazônia, monopólio, expropriação e conflitos. São Paulo: Papirus, 1980.

PORTER, M. Toward a new conception of the environment competitiveness relationship. **Journal of Economic Perspectives**, v.9, n.4, p.97-118, 1995.

ROCHA, J.M. Sustentabilidade em questão: economia, sociedade e meio ambiente. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

ROUSSEAU, J-J. Do contrato social. São Paulo: Nova Cultural, 1991 (Col. Os Pensadores).

ROUSSEAU, J-J. Emílio ou Da educação. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RUFINONI, P.R. Liberdade dramática: ética e literatura na escrita de Sartre. **Revista de**

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

Filosofia, vol.49 no.117 Belo Horizonte, 2008.

SACHS, I. Rumo à socioeconomia: teoria e prática do desenvolvimento. São Paulo: Cortez, 2007.

SARTRE, J-P. A idade da razão: os caminhos da liberdade. 3. ed Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

SARTRE, J-P. As Palavras. Tradução de J. Guinsburg. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SAVATER, F. As verdades da razão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.p. 43-44.

SCHECTER, A. et al. Recent dioxin contamination from agent orange in residents of a Southern Vietnam City. **Journal of Occupational Medicine**, v. 43, n. 5, p.435-443, 2001.

SCHOLTYSECK, J. Der aufstieg der quandts: eine deutsche unternehmerdynastie. München: C.H. Beck Verlag, 2011.

SILVA, D. Guerra do Vietnã. **Brasil Escola**. Disponível em:

<https://brasilescola.uol.com.br/historiag/guerra-do-vietna.htm>. Acesso em 05 ago. de 2018.

SINGER, P. Vida ética: os melhores ensaios do mais polêmico filósofo da atualidade. Tradução Alice Xavier. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

STORY OF STUFF. Direção: Louis Fox. EUA, 2007 (21 min).

SUNG, J.M. Se Deus existe, por que há pobreza? São Paulo: Paulinas, 1995.

THE CORPORATION. Direção: Mark Achbar e Jennifer Abbott. Canadá, 2003. 2 DVD (145 min).

THOMPSON, W.I. Gaia: uma teoria do conhecimento. São Paulo: Gaia, 2000.

VEIGA, J. E. Sustentabilidade: a legitimação de um novo olhar. São Paulo: Editora Senac. São Paulo, 2010.

VEIGA, J. E. Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

VIEIRA, P. F.; RIBEIRO, M. M. Ecologia humana, ética e educação: a mensagem de Pierre Dansereau. Porto Alegre: Pallotti; Florianópolis: APED, 1999.